**INFÂNCIAS E SABERES ANCESTRAIS**

Maiza da Silva Francisco-UFRRJ[[1]](#footnote-1)

**Resumo:** Este estudo de investigação tem como intuito fazer algumas considerações sobre a apresentação de saberes ancestrais africanos para crianças como uma forma de educar para promoção de relações étnico-raciais menos assimétricas. Dentro desse contexto, procuro focar a atenção nas práticas pedagógicas transmitidas de geração a geração. Para realizarmos esse estudo, utilizamos o método de pesquisa qualitativa que se dedica a analisar a observância dos fenômenos e da percepção dos sujeitos envolvidos. Nossa análise problematiza a validade universal da epistemologia eurocentrada, buscando uma construção epistemológica ancorada em saberes ancestrais africanos.

**Palavras-chave:** Infância; criança; saberes ancestrais; educação.

**Introdução**

*Se não fosse o samba*

*Quem sabe hoje em dia*

*eu não seria do bicho?*

Bezerra da Silva

A letra da música do cantor Bezerra da Silva, da citação acima, destaca a importância do samba como uma forma de conhecimento, sob um viés poético. Através de suas letras, o artista demonstra como o universo do samba foi relevante como ferramenta educativa. Considerando essa característica singular, gostaria de apresentar esta narrativa que serve como caminho para discutir as relações estabelecidas entre infâncias, crianças e processos de aprendizagem

A transmissão do conhecimento por meio da palavra falada como rituais, contos e lendas é uma forma importante de compartilhar os saberes ancestrais e promover uma nova visão de mundo (Siss; Francisco; Francisco, 2020). Nesse sentido, a oralidade contribuiu para uma nova forma de educar através das histórias e canções que são contadas, possibilitando as construções de valores morais, noções de respeito, cuidados, afetividades que são construídos no processo de aprender-ensinar através da palavra.

É neste sentido que esse ensaio busca apresentar alguns apontamentos sobre os saberes ancestrais e a infância, tendo como objetivo como que os saberes ancestrais contribuem no processo de ensino-aprendizagem da criança? O ensaio foi dividido em dois questionamentos: O que é educação? Os saberes ancestrais podem ser considerados fontes de conhecimentos?

Para responder tais questionamentos, optamos por um método de pesquisa qualitativo, porque permite ao pesquisador fornecer novos olhares sobre pesquisas que trazem novas perspectivas. Outros recursos foram utilizados como a pesquisa bibliográfica, a observação, a pesquisa documental, que “corresponde a todas as informações coletadas que podem ser obtidas através de ofícios, regulamentos” (Fachin, 2000, p. 139). Neste sentido, o documento pode ser considerado como fonte natural de informação.

O ensaio foi estruturado da seguinte forma: a primeira parte, Todos somos impactados pela educação, tendo como foco a educação; na segunda parte abordaremos sobre Os saberes ancestrais, como esses saberes são relevantes na prática educativa e, na terceira parte, Como as crianças podem aprender através dos saberes ancestrais.

**Todos somos impactados pela educação**

Mediante a categoria educação, o pesquisador Carlos Rodrigues Brandão (2002) busca desconstruir a ideia de que a educação está exclusivamente ligada à instituição de ensino e afirma que não existe lugar específico para que a educação se desenvolva. Ela pode ocorrer

em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (Brandão, 2002, p. 7).

Segundo o pesquisador, o processo de ensinar e aprender pode levar à construção de um signo cultural criado no processo de aprendizagem que se constitui no cotidiano. Assim, a educação não pode ser compreendida somente no espaço institucionalizado, pois a aprendizagem ocorre em todo momento na espécie humana.

Por exemplo, nas aldeias tribais, o conhecimento que ocorre entre a criança e a natureza são guiadas de mais longe ou mais perto pela presença de adultos conhecedores, são situações de aprendizagem. A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa” (Brandão, 2002, p. 3).

Brandão (2002) acrescenta que o conhecimento não é formalizado. Portanto, o conceito do saber de uma comunidade tribal numa dimensão epistemológica, significa que todo conhecimento envolve situações pedagógicas, interpessoais, familiares e comunitárias. Embora ainda que, não haja métodos pedagógicos escolares.

A partir dessas reflexões, podemos questionar de que forma os saberes ancestrais contribuem para os processos de ensino-aprendizagem.

**Os conhecimentos transmitidos de geração em geração podem ser uma grande fonte de aprendizado**

Ao refletirmos sobre os saberes ancestrais e a educação, nos faz pensar sobre como a diáspora africana, a dominação colonial europeia, o racismo, a discriminação racial em relação aos corpos pretos/negros configurou-se numa negação dos conhecimentos africanos por parte dos europeus.

Os colonizadores utilizaram várias estratégias de dominação ideológicas, sociais, religiosas no intuito de impor a sua cultura. E, “na medida que o colonizado aprendia a língua, ele era inserido numa rede complexa de relação de poder” (Francisco, 2019, p. 21).

Mesmo com todo histórico de violência sofrida por homens, mulheres e crianças pretas, devido a diáspora africana, o processo de escravidão, os maltratos, entre outras formas de violências que foram cometidas no corpo colonizado. Alguns elementos dos fundamentos dos cultos aos orixás, alguns idiomas, conhecimentos medicinais, brincadeiras, danças, se perderam durante a travessia no mar do atlântico.

Por outro lado, os colonizados resistiram às ideologias impostas, criaram mecanismos de defesa contra a imposição europeia e buscaram conservar, ressignificar as culturas africanas. Os saberes ancestrais foram reelaborados em vários espaços em que os povos do continente africano interagiam entre si.

E foi através da memória, ainda que fragmentada, sobre a ciência, a história, a culinárias, as ervas, os cultos aos orixás, que o homem, a mulher, a criança africana “se manteve fiel ao sentido fundador, mas alterando referências cosmogônicas e litúrgicas uniculturais pela pluralidade cultural dos participantes” (Moura, 1995, p. 186).

Os saberes ancestrais foram transmitidos ao longo das gerações pelos africanos que chegaram ao Brasil através da oralidade. Dessa forma, podemos entender que o processo de ensino-aprendizagem foi feito por meio da palavra. O que é ouvido, compreendido e praticado oralmente se torna uma herança de conhecimento que é passada de geração em geração. A tradição oral nos permite recuperar e relacionar todos os aspectos desse conhecimento transmitido ao longo do tempo.

**A importância dos saberes culturais paras as crianças**

Tomando por matriz o pensamento de Brandão (2002), que nos sinaliza sobre como a educação pode ser aprendida em vários espaços, podemos afirmar que, durante o desenvolvimento da criança, é importante para elas conviverem com os diferentes aprendizados. Uma vez que, durante o contato entre criança com criança, criança com adultos ocorre a socialização que se dá através das relações interpessoais. Para a pesquisadora Genú (2010),

isto quer dizer que na medida em que a convivência entre os sujeitos ocorre se criam laços identitários resultantes das diferentes maneiras de ser daqueles sujeitos e que acabam criando códigos de convivência se traduzindo em relações subjetivas (Genú, 2010, p. 39).

Os saberes ancestrais assumem o papel fundamental na formação das crianças, porque têm a perspectiva de conectar a ancestralidade e as infâncias. Desta forma, enfatizamos a interação entre as crianças, que contribui para a construção de conhecimentos, valores, experiências e relações sociais, construindo saberes, dentro da comunidade. Esse processo oferece às crianças uma perspectiva colaborativa do mundo.

**Para além das considerações finais**

Os valores eurocêntricos hegemônicos podem ser desconstruídos através do processo de democratização cultural a partir dos valores da cultura africana (Santos, 2006). A partir dessa reflexão, compreendemos que a oralidade é o caminho educativo ancestral utilizado pelos mais velhos para ensinar aos mais novos, ou seja as crianças.

Por meio das cantigas, das danças, das histórias, do samba, as crianças constroem experiências, aprendizagens, das histórias que estão sendo contadas, a criança cria uma identificação com a herança ancestral africana. Neste sentido, os saberes ancestrais colaboram para romper com uma ideologia hegemônica de superioridade e apresentar nova visão de mundo para as crianças a partir de uma cosmovisão africana.

**Referências**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

**FRANCISCO**, Maiza da Silva*.* **A escolarização do negro no Brasil**: possíveis trajetórias. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação Contextos Contemporâneos e Demandas Populares), UFRRJ, 2019.

GENÚ, Marta. **Para uma cartografia lúdica da Amazônia**. Belém: EDUEPA, 2010.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro; Secretária Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração,1995.

NOGUERA, Renato. Kiriku: heterônimo da infância como experiência e da experiência da infância. In: Anais [...] do **Congresso de Estudos da Infância**. – Rio de Janeiro, 2017a, p. 363-370.

NOGUERA, Renato. **O ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: CEAP, 2014.

SANTOS, Ana Katia Alves dos. **Infância e afrodescendente**: epistemologia crítica do ensino fundamental. Salvador: EDUFBA, 2006.

1. Doutoranda em Educação Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. [↑](#footnote-ref-1)